

GISBERT, María Luisa Bustos. Las teorías de localización industrial: una breve aproximación. *Revista de Estudios Regionales*, Sevilla, n.35, p. 51-76, enero-abril 1993

DEL POZO, Paz Benito. Descentralización productiva y nuevas formas de agrupación industrial: los corredores industriales en Asturias. *Ciudad y Territorio*, Madrid, n.90/4, p. 365-371, 1991

LENCIONI, Sandra. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. *Espaço & Debates*, São Paulo, n.38, p. 54-61, 1994

Oscar Sobarzo MIÑO*

Nesta resenha serão analisadas brevemente as teorias de localização industrial para, posteriormente, serem abordados, e situados dentro do contexto teórico, os processos de realocação industrial de Astúrias (Espanha) e São Paulo (Brasil).

1. Uma aproximação às Teorias de Localização Industrial

Sem entrar no detalhe de cada modelo de localização, Bustos Gisbert faz uma análise interessante, porque supera os trabalhos habituais sobre localização industrial, os quais geralmente ficam em Weber e Lösch. Num intento valioso, a autora também inclui as abordagens da Escola do Comportamento e da Escola Estruturalista.

Também constitui uma contribuição o fato de estabelecer que todos os modelos de localização industrial têm um certo grau de validade ao ser estudados dentro de seu contexto histórico, e que apesar dos avanços nesta temática, ainda não existe uma teoria que possa explicar a atual distribuição da indústria, já que este é um fenômeno extremamente complexo.

Em termos simples se identificam três grandes grupos de teorias de localização-industrial:

a. *A Escola Weberiana e Neo-Weberiana*: esta abordagem predominou entre princípios do século XX e os anos 60, e inclui autores como Weber, Palander, Hoover, Lösch, Greenhut e Isard, os quais, nos seus modelos, tentaram encontrar a localização ótima de uma empresa abstrata, considerando a minimização dos custos totais como o elemento fundamental para a escolha, e dentre eles, os custos de transporte como os mais determinantes.

As principais críticas a esta escola centraram-se no fato de considerar a empresa como um elemento isolado; considerar em seus modelos abstratos que todas as empresas são iguais; e ter como supostos, para esses modelos, fatos muito irrealistas.

Com o avanço do tempo e dos autores, estes modelos foram evoluindo. Assim, se Weber somente se concentrou nos custos de transporte, depois Palander agregou o fator do mercado; Hoover reparou nos rendimentos crescentes e decrescentes e sua influência na localização; Lösch estabeleceu a idéia da localização ótima como o lugar de máximo benefício e não como o ponto de menores custos, como os autores anteriores; Greenhut agregou às análises os fatores pessoais e a influência da demanda e, finalmente, Isard se esforçou por incorporar supostos mais flexíveis e mais ajustados à realidade.

Obviamente, as características dos meios de transporte nesses anos, explicam a importância dada aos custos de transporte na escolha da localização ótima por estes autores, e não corresponde a um erro "a priori" deles.

b. *A Escola do Comportamento*: surgiu na década de 60 com uma forte crítica aos modelos clássicos da escola weberiana.

Esta nova abordagem tomou como pontos de partida a transformação da estrutura industrial, com o surgimento das grandes corporações com mais de um local de produção; a idéia de escolhas sub-ótimas sempre que estiveram dentro de margens espaciais de rentabilidade; as limitações no acesso à informação; as variações que os modelos podem sofrer no caso de analisar diferentes tipos de indústrias.

É possível distinguir três linhas de análise dentro desta escola. A primeira linha inclui aos autores que centraram-se na existência de localizações sub-ótimas devido à capacidade limitada de acesso às

* Mestrando, Curso de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente, SP, Brasil. Bolsista CAPES, Convênio Brasil/Chile.

informações.

A segunda linha estabeleceu que as escolhas de localização eram feitas em função da totalidade das decisões da empresa e do resto das empresas.

A terceira linha interessou-se pelos impactos das grandes organizações industriais na teoria da localização, estabelecendo que os custos de transporte e de mão-de-obra que anteriormente tinham um papel predominante, são substituídos pela existência de economias externas e internas, e pela possibilidade de materializar contratos e fusões.

A Escola do Comportamento é considerada como um grande avanço, mas é criticada porque continuou tentando elaborar modelos teóricos de localização, tarefa muito difícil, já que a complexidade da realidade exigiria um modelo-tipo para cada situação existente.

c. A *Escola Estruturalista*: desenvolve-se a partir de meados da década de 70, sendo seus principais conceitos: o estudo da localização industrial deveria servir de apoio às políticas de desenvolvimento econômico; é dada uma grande importância aos processos econômicos; não tem a intenção de criar modelos abstratos; introdução da variável histórica nos estudos locacionais; e incorporação do contexto social nas abordagens da localização. Todos estes elementos foram fortemente influenciados pela orientação marxista desta escola.

A grande contribuição desta abordagem foi propor que os estudos de localização industrial considerassem os efeitos sociais das mudanças da atividade industrial, no emprego, nas desigualdades geradas e na concentração econômica. Até então, os estudos locacionais só eram abordados desde a perspectiva e desde os objetivos do empresário. Assim, a nova abordagem cria a Teoria da Divisão Espacial do Trabalho, a qual reflete as condições existentes nos anos 60 e princípio dos 70, quando as grandes empresas se deslocam para a periferia graças à tecnologia que tornou rentável produzir com uma mão-de-obra pouco qualificada, a qual obviamente recebe menores salários que aquela dos países industrializados.

Finalmente, dentro do contexto das teorias de localização industrial, é possível identificar, a partir dos anos 80, outras duas interpretações que têm como cenário um mundo em crise industrial, com altas taxas de desemprego, onde predominam as tendências difusoras sobre as concentradoras e onde o sistema de grandes empresas passa por uma crise.

Estas duas interpretações são:

- A aproximação territorial ao desenvolvimento regional, que é aplicável especialmente em países de industrialização tardia, onde grande parte das indústrias que participam da difusão respondem a iniciativas locais, de acordo com uma estratégia de "desenvolvimento endógeno".

- A visão estruturalista (não confundir com a Escola Estruturalista) estabelece que a difusão das indústrias é o resultado dos ajustes feitos pelas empresas para manter e/ou ampliar seus níveis de benefícios, num contexto de alta competitividade nos mercados. Este processo tem duas conseqüências espaciais:

(i) Predomínio das tendências difusoras em comparação com as concentradoras.

(ii) Esta difusão aconteceria depois de um período de concentração e uma vez que se produzem as seguintes transformações: elevação dos custos do fator trabalho e outros *inputs*, aumento das deseconomias de aglomeração e redução das diferenças espaciais dos custos de informação, transporte e comunicação. Neste contexto, as empresas mudam sua política locacional e vão à procura de áreas com preços mais baixos, nas quais existam vantagens locacionais que permitam a competitividade e a manutenção dos níveis de benefícios.

Esta última visão é muito importante, pois como vamos analisar logo, corresponde à dinâmica observada no caso de Astúrias e São Paulo.

2. A dinâmica industrial em Astúrias e São Paulo

Nos dois casos analisados, os processos de re-localização industrial respondem a fatores comuns, embora suas magnitudes e expressões espaciais possam ter grandes diferenças. Como já foi dito, no que resta desta resenha se tentará mostrar que estas dinâmicas obedecem, em termos gerais, aos postulados da "visão estruturalista" analisada anteriormente.

a. O caso asturiano

O fato que trata Del Pozo no seu artigo faz referência ao surgimento de corredores industriais em Astúrias, os quais respondem a um desejo dos empresários de um certo isolamento, renunciando às vantagens da aglomeração, em troca de outros benefícios, como a disponibilidade de terrenos amplos, comunicações de boa qualidade, menores limitações urbanísticas e legais, menores preços do solo, menores custos de infra-estrutura e maior independência na escolha da localização.

Além disso, a localização nos principais eixos rodoviários e fora das deseconomias das aglomerações urbano-industriais, possibilita o acesso rápido a dois ou mais mercados.

Nesta perspectiva, os corredores asturianos se incluem na "lógica estruturalista", já que na sua materialização as indústrias renunciam a certos benefícios, especialmente os das aglomerações, em procura de outros que lhes permitam manter níveis convenientes de lucros. Também o fato de corresponder a uma tendência de difusão espacial confirma esta classificação dentro da visão estruturalista.

Finalmente, é interessante destacar a reflexão do autor do artigo, em relação a que o corredor industrial asturiano é produto de uma contradição, já que se procura isolamento e o resultado final é um agrupamento de estabelecimentos industriais. Nessa perspectiva, necessariamente as novas aglomerações terão no futuro algum outro processo evolutivo que provavelmente responderá a uma nova lógica locacional.

b. O caso de São Paulo

A dinâmica de re-estruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo, caracterizada por Lencioni como um processo de dispersão ou desconcentração espacial das indústrias da Região Metropolitana dentro de um contexto geral de centralização do capital na cidade de São Paulo, também obedece aos princípios da "visão estruturalista".

Uma visão sintética do processo de re-localização industrial paulista, mostra que depois de um importante período de concentração da atividade na Região Metropolitana de São Paulo, se produz uma dispersão das unidades produtivas para o interior do Estado, principalmente ao longo dos principais eixos rodoviários - note-se a similaridade com o caso de Astúrias -, na procura de áreas descongestionadas e fugindo das deseconomias da metrópole.

É interessante e muito clarificadora a avaliação que a autora faz deste processo como uma dinâmica de desconcentração locacional e não como uma dinâmica de descentralização, já que, segundo ela, o processo não significa a perda do poder econômico e decisional da Região Metropolitana de São Paulo, pelo contrário, reforça esta tendência histórica.

Neste contexto, a difusão industrial só é possível pelo melhoramento das tecnologias de comunicação e transporte, que permitem a discontinuidade espacial entre gerência e produção, e os rápidos deslocamentos pelo território.

O resultado espacial de toda esta dinâmica é o surgimento da "macro-metrópole" de São Paulo, sendo esta uma região metropolitana mais complexa, fragmentada e hierarquizada, em que a conurbação de cidades não significa processos autônomos de metropolização, pelo contrário, uma maior abrangência do poder de São Paulo.

Finalmente, e a modo de conclusão, reconhecendo que os processos analisados podem ser classificados dentro das características da "visão estruturalista", é interessante refletir que em ambos os casos se pode, também, identificar algo da outra abordagem atual. Referimo-nos à "aproximação territorial do desenvolvimento regional", a qual centra-se nos processos de desenvolvimento endógeno ou de tipo local.

Embora existam muitas diferenças nos dois casos analisados, observam-se alguns elementos de promoção do desenvolvimento local nas novas localizações industriais. Da leitura do artigo sobre Astúrias é possível deduzir que são as mesmas indústrias localizadas antigamente nas cidades próximas e, portanto, essenciais na dinâmica industrial local, que estão mudando para o espaço suburbano. Nesta perspectiva, e considerando que as indústrias, na escolha de nova localização, não deixam a região, é possível pressupor uma estratégia de manutenção das bases do desenvolvimento local.

No caso de São Paulo, as estratégias do governo estadual e dos governos municipais, para a atração das indústrias, podem nos levar a assumir uma certa estratégia de desenvolvimento local, na perspectiva dos municípios receptores das indústrias, no processo de re-estruturação de indústria paulista.

Esta "segunda" leitura dos processos, mais que indicar uma contradição, leva-nos à conclusão desta resenha: a complexidade de nossa realidade, onde se desenvolvem os processos de localização industrial, necessariamente deve-nos levar a análises também complexas e variadas desde o ponto de vista das teorias disponíveis e a criação de outras. Nesse sentido, não tem mais validade a simples crítica e negação das teorias chamadas clássicas e das outras abordagens analisadas, já que para a tarefa de compreender as dinâmicas espaciais das indústrias é preciso utilizar todo o arcabouço teórico disponível e, dependendo das particularidades de cada caso, fazer as escolhas necessárias. É muito provável que encontremos um pouco de cada teoria em nossas análises.